

A revolução negra anarquista

Anarquismo e revolução negra chega em momento preciso ao Brasil. Em um país onde o Estado violenta e mata pretos aos montes, o livro é vital para pensar as resistências libertárias a estas violências. Escrita no interior da prisão e crítica da hierarquia e do autoritarismo no interior do revolucionário movimento negro estadunidense, a publicação também serve para problematizarmos a atual reivindicação por empoderamento. É sempre bom lembrar. Para além do combate à política e seu enredamento por direitos, onde irrompem práticas anarquistas é o próprio poder que é combatido.

as estranhas notícias de um jornalista quase invisível

GUSTAVO SIMÕES

Félix Fénéon. *Fragmentos jornalísticos de Félix Fénéon*. Tradução e organização de Adriano Lacerda e Marcos Siscar. Rio de Janeiro, Rocco, 2018, 190 pp.

Para certos anarquistas a arte é matéria mais próxima da vida do que da profusão de obras expostas em museus ou, atualmente, em vídeos, livros, sites, links, perfis em redes sociais. Em São Paulo, em diversos artigos publicados na metade do século XX, o garçon Felipe Gil de Souza Passos, por exemplo, já afirmava singularmente

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

o libertarismo como expressão de uma arte. Encarada desta maneira, segundo Passos, a anarquia torna-se algo mais potente do que a constante redução, às vezes feita pelos próprios militantes, a um ideal de famintos ou instrumento de reivindicação proletária. Colaborador assíduo do jornal *A Plebe*, Passos defendia o anarquismo não como o que chamou doutrina de nivelamento, mas, sim, como a socialização do que há de mais sofisticado, ética e esteticamente, na sociedade. São poucas as referências acerca da vida do garçon libertário. Assim como ainda são escassas as pesquisas sobre Félix Fénéon, anarquista que, como Passos, escreveu em jornais e revistas, além de valorizar, sobremaneira, a arte combinada à existência de afirmações anarquistas.

Na ultrapassagem do século XIX, Fénéon foi “funcionário público, editor, crítico de arte, jornalista...” (p. 9). E, entre tantos trabalhos, citado constantemente por importantes arquivistas da arte libertária como Pietro Ferrua, foi especialmente um incisivo militante ácrata. Com a recente publicação, no Brasil, de *Notícias em três linbas*, seleção de curtos textos publicados em 1906, na França, mais precisamente no jornal *Le Matin*, reportagens sobre eventos aparentemente diários nas ruas do país, de terríveis assassinatos causados por ciúmes, passando por suicídios decorrentes das mais variadas razões, até as greves que pululavam no início do século, podemos nos aproximar um pouco mais da escrita deste que certamente interessaria a inventores libertários como John Cage. Fénéon, no século XIX, adotava procedimentos que foram considerados contemporâneos somente com as chamadas vanguardas artísticas do início do século XX e mais tarde, em especial, após a Segunda Guerra Mundial. Somado

à eliminação do pronome ‘eu’ daquilo que publicava e as assinaturas com pseudônimo, conta-se que, “inventando um verbo com ‘silêncio’ (‘silence’), Alfred Jarry o nomeava ‘celui qui silence’ (‘aquele que silencia’)” (p. 5).

Nascido em Turim, na Itália, no início da década de 1860, em meados dos anos 1880 — década em que, ainda no rescaldo do massacre da Comuna de Paris, inúmeros artistas, sobretudo, aproximavam-se do movimento anarquista —, Fénéon com pouco mais de vinte anos, agitava as ruas de Paris. Em artigo publicado em 1884, na *Revue Indépendante*, alertava: “a ‘Pátria’ é ainda uma identidade, uma entidade vazia e oca, como Deus, como a Sociedade, como o Estado, como a Natureza, como a Virtude, a Moral etc.” (p. 7). E assim, antes da publicação, em 1891, de *A Alma do homem sob o socialismo*, livro de Oscar Wilde — talvez tenham se encontrado, pois, nesta década, Wilde também viveu na capital francesa —, e apesar “do orgulho de um esteta, cuja máxima elegância consistiria em passar despercebido” (p. 6), F.F. já era “personagem estranho e algo enigmático, aparentava um dândi baudelairiano com aspecto Yankee, o rosto bem escanhado à exceção de uma barbicha” (p. 9).

Em 1886, cinco anos antes da publicação de Wilde — responsável por empolgar entre os libertários um debate sobre a arte menos como veículo realista e emancipador, e mais como afirmação rebelde individual do artista que a produz, ao mesmo tempo que inventava o termo neoimpressionista —, Fénéon lançava na França os primeiros exemplares das *Iluminuras* do poeta Arthur Rimbaud. Empolgado por essa aliança entre artistas e militantes animada por ele, em 1887, nas páginas de *Le Revolté*, o

experimentado militante Jean Grave criou um suplemento dedicado exclusivamente às artes e literaturas às próximas das chamadas questões sociais. Deste modo, no início dos anos 1890, provocados primeiro por Fénéon, depois por Grave, pintores como Camile Pissarro passaram a contribuir com frequência em periódicos e publicações subversivas.

Entretanto, como era de se esperar, não tardou para que tal aproximação fosse interrompida. Como resposta ativa ao acossamento da polícia, agravado a partir de 1891 com o tiroteio que feriu na coxa o anarquista Leveillé e levou à prisão outros dois libertários (Decamps e Dardare), irrompe na França uma série de ações explosivas, iniciadas ainda em 1891 por Ravachol, tendo como alvo juízes, policiais e burgueses que reagiam ferozmente aos anarquistas desde o ocaso da Comuna de Paris. Tais ações não cessaram até meados dos anos 1910, porém, diminuíram consideravelmente em junho de 1894, sob efeito da punhalada fatal desferida por Santo Geronimo Caserio no então presidente da república, Sadi Carnot.

O ato de Caserio, resposta direta à execução de Ravachol conduzida pelo tribunal francês, acelerou a realização do “Processo dos Trinta”, julgamento no qual foram incluídos, sob alegação de formação de quadrilha, Fénéon, Grave e tantos outros, como Sébastien Faure. “Ao final das investigações, a quase totalidade dos implicados foi inocentado, incluindo Fénéon. O depoimento deste último é citado com frequência, ainda hoje, pela frieza e pela verve irônica que teriam contado a seu favor diante de um júri dividido” (p. 6), revela Marcos Siscar no prefácio de *Notícias em três linhas*. “Não custa lembrar”, prossegue Siscar, “que uma de suas testemunhas de defesa

foi Stéphane Mallarmé. Logo após a prisão do amigo, o poeta declarou a um jornalista: ‘Fala-se, segundo você, de detonadores. Certamente não havia, para Fénéon, melhores detonadores que seus artigos. E não creio que disponhamos de arma mais eficiente do que a literatura’ (Idem). O depoimento, além de afirmar uma relação de amizade, atesta a proximidade de Mallarmé, considerado um dos poetas mais radicais do final do século XIX, com as questões levantadas pelos anarquistas franceses.

Absolvido junto com grande parte dos acusados, um ano depois do início do “Processo”, Fénéon seguiu adiante com a militância libertária, combinando-a com o trabalho de editor à frente da *La Revue Blanche* (1895-1903), divulgando a escrita e a arte de jovens como André Gide, Marcel Proust, Guillaume Apollinaire e Henri Matisse. Foi após o longo período frente à revista, em 1905, que, convidado pelo jornal francês *Le Matin*, ele passou a escrever diariamente as inesperadas e concentradas notícias em três linhas publicadas somente agora no Brasil; sínteses descritas como “romance elíptico”, ‘micronarrativa’, ‘poesia em três linhas’, ‘haikai jornalístico’, fragmentos de ‘humor negro’, precursor do Twitter” (p. 12).

Apesar de não conterem sua assinatura, em muitas destas curtas, porém, intensas reportagens, o anarquismo, o antimilitarismo e o antiautoritarismo de Fénéon estão diretamente presentes. Em relação ao anarquismo, os breves relatos a seguir o deixam mais que evidente, escancarando a atenção do então anônimo jornalista para episódios antimilitaristas e antiautoritários. “Por disseminarem a história de um quimérico atentado anarquista contra a igreja da Madeleine, aproximadamente dez camelôs foram presos” (p. 18); “a ação sindical casa-se

com a parlamentar?, pergunta-se o Congresso de Amiens. Sim, diz Keufer; não, diz Broutchoux”; “o sexagenário Gallot, de Saint-Ouen, foi detido quando se dedicava a transmitir a alguns soldados seu antimilitarismo” (p. 37); “o recrutamento deixa louco Berlin, do 22º Regimento de artilharia, em Versalhes: ele se desnuda diante de Santo Antônio e se diz seu porco” (p. 114); “Pierre Melani, que tinha suas queixas contra a polícia, perfurou com uma facada na barriga o comandante Montial, de Lyon” (p. 99). Uma década depois das ações de Ravachol, em um momento em que grande parte do anarquismo era crítico das ações do passado e valorizava o sindicato como lugar de mobilização revolucionária, assim como a greve geral — “os grevistas de Ronchamp (Haute-Saône) jogaram na água um operário que teimava em trabalhar” (p. 26) —, F.F. registrou: “quero telegrafar a Ravachol!”, gritava Ninni Colonne, de Pantin. Prenderam-na como louca, sendo notória a morte do seu companheiro” (p. 125).

Mantidas em um caderno por Fénéon, as notícias acima foram publicadas somente em 1948, por iniciativa de Jean Paulhan. Ao comparar a escrita do anarquista em *La Matin* e seu trabalho como crítico, Marcos Siscar argumenta: “assim como valorizar um artista renovador pode ser entendido como um ato crítico subversivo, do ponto de vista literário ou artístico estabelecido, é bem provável que cada um desses fragmentos soasse, no contexto em que foram publicados, como uma discreta ‘bomba’ contra a ‘universal reportagem’ (na expressão de Mallarmé)” (p. 11). É explícito o caráter disruptivo dos textos de Fénéon. Todavia, o que salta logo à primeira leitura é sua disposição em expor os combates de sua época de maneira também anarquista, abrindo mão de

uma suposta autoridade como jornalista ou narrador de determinado episódio. Com essas *Notícias em três linhas*, Fénéon explicita que jamais deixou de ser um libertário, abrindo outras perspectivas, deixando os olhos livres para o leitor, apresentando episódios desconcertantes, comumente descartados pela História.

Em “A vida dos homens infames”, curto texto publicado em 1977, Michel Foucault também chamou de notícias os breves relatos de vidas infames que encontrou ao acaso em livros e documentos nos arquivos do internamento do Hospital Geral e da Bastilha. Segundo ele, tais existências infames irrompem menos como exemplo ou lição do que como afirmação de uma força bruta que se choca diretamente contra o poder e rapidamente se extingue. Fénéon, no campo de batalha, repórter de rua, foi precisamente um colecionador, um narrador de episódios infames, algo não tão distante, apesar de seu minimalismo, das perambulações de Rimbaud em *Illuminuras*. Onde muitos identificam o precursor do *twitter* e outras classificações limitantes que servem para justificar editoriais e editorias, desvela-se o olhar aguçado, à espreita de um jornalista anarquista.